

— Como é... Como é...?

— Pois, com os diabos, *c'est la question, ma très chère demoiselle!*

A consulesa Buddenbrook, sentada ao lado da sogra no sofá de linhas direitas, lacado de branco, estofado de amarelo-claro e ornamentado com uma cabeça de leão dourada, lançou um olhar ao marido, sentado numa poltrona junto dela, e acorreu em auxílio da filha pequena, instalada ao colo do avô junto da janela.

— Tony — disse —, creio que Deus...

E a pequena Antonie, de oito anos e constituição delicada, com o seu vestidinho de seda diáfana e iridescente, afastando a linda cabeça loura do rosto do avô, varreu a sala com os seus olhos azul-acinzentados, tentando recordar-se, mas, sem ver fosse o que fosse, repetiu:

— Como é? — repetiu em voz lenta: — Creio que Deus — e, enquanto o seu rosto se iluminava, apressou-se a acrescentar: — ... me criou juntamente com todos os outros seres...

A sentir-se de novo em terreno firme, recitou, exultante e imparável, o artigo inteiro, seguindo à letra o catecismo, que, no ano da graça de 1835 e sob a égide de um senado eminente e sábio, acabava de ser revisto e publicado. Depois de se ganhar velocidade, era como descer no inverno o Jerusalemsberg no pequeno trenó, na companhia dos irmãos: os pensamentos corriam à desfilada e, por muito que se quisesse, era impossível parar.

— E também vestuário e sapatos, comida e bebida, casa e quinta, mulher e filhos, terras e gado...

Ao ouvir estas palavras, o velho senhor Johann Buddenbrook, sem se conter, soltou as risadinhas sonoras e sufocadas que já há algum tempo

reprimia em segredo. Ria do prazer que lhe dava poder zombar do catecismo, sendo talvez esse o único objetivo daquele pequeno exame. Informou-se sobre as terras e o gado de Tony, perguntou à neta quanto cobrava pelo saco de trigo e ofereceu-se para negociar com ela. O seu rosto redondo e rosado, com uma expressão bondosa, ao qual, por muito que se esforçasse, não conseguia conferir uma expressão de malícia, era emoldurado por uma cabeleira empoada, branca como a neve, com uma minúscula trança a cair sobre a gola ampla do casaco cinzentorato. Aos setenta anos, mantinha-se fiel à moda da sua juventude; renunciara apenas aos grandes bolsos e aos passamanes entre os botões, mas nunca na vida usara calças compridas. Por baixo do queixo, a papada espalhava-se confortavelmente sobre o jabô de renda branca.

Sobretudo por deferência para com o chefe de família, todos tinham feito coro com o seu riso. As risadinhas de Madame Antoinette Buddenbrook, Duchamps de solteira, eram idênticas às do marido. Era uma senhora corpulenta, com canudos brancos e espessos caídos sobre as orelhas, com um vestido às riscas pretas e cinzento-claras, desprovido de adornos, o que revelava simplicidade e modéstia, e com as mãos brancas, ainda bonitas, a segurar no colo uma bolsinha de veludo. Com os anos, os seus traços fisionômicos haviam adquirido uma curiosa semelhança com os do marido. Só a forma e a vivacidade dos seus olhos escuros permitiam entrever a sua origem semilatina. Apesar de ser natural de Hamburgo, pelo lado do avô descendia de uma família da Suíça francesa.

A nora, a consulesa Elisabeth Buddenbrook, Kröger de solteira, tinha o riso dos Kröger, que se iniciava com uma espécie de pequena explosão emitida pelos lábios, ao mesmo tempo que pressionava o queixo contra o peito. Como todos os Kröger, era de uma extrema elegância e, embora não se podendo dizer que fosse uma beldade, a sua voz límpida e discreta e os seus movimentos serenos, seguros e suaves irradiavam uma sensação de limpidez e confiança. A cabeleira arruivada, apanhada no alto da cabeça, formando uma pequena coroa, e caída em artísticos caracóis sobre as orelhas, harmonizava-se com uma tez de uma delicadeza e alvura extraordinárias, salpicada de pequenas sardas. O traço característico do seu rosto, com o nariz um pouco comprido e a boca pequena, era a ausência de depressão entre o lábio inferior e o queixo. O corpete curto, com mangas tufadas, rematado por uma saia de seda vaporosa, semeada de flores claras, revelava um pescoço

de uma beleza perfeita, adornado com uma fita de cetim na qual cintilava um motivo ornamental formado por grandes diamantes.

Com um gesto que traía um certo nervosismo, o cônsul inclinou-se para a frente na poltrona. Envergava um casaco cor de canela, com grandes bandas e mangas em forma de clava, que se estreitavam no pulso e se fechavam à volta da mão. As calças eram de um tecido branco lavável, guarnecidas com dois vivos pretos do lado de fora. À volta do colarinho alto e engomado, com as pontas a emoldurar o queixo, passava a gravata de seda, grossa e larga, que enchia toda a abertura do colete multicor. Tinha os olhos azuis, atentos e um pouco encovados do pai, embora a sua expressão fosse talvez mais sonhadora; mas as suas feições eram mais graves e pronunciadas, com o nariz proeminente e aquilino e as faces, cobertas até ao meio por patilhas louras e encaracoladas, eram muito menos cheias do que as do ancião.

Madame Buddenbrook virou-se para a nora, apertou-lhe o braço com uma mão e, entre risadinhas, comentou de olhos postos no seu regaço:

— Sempre o mesmo, *mon vieux*, não é, Bethsy...? — Pronunciava «sempre» em vez de «sempre».

Sem responder, a consulesa ergueu a mão delicada, fazendo tilintar ao de leve a pulseira de ouro; em seguida, com um gesto que lhe era peculiar, subiu os dedos do canto da boca até ao penteado, como que para afastar do rosto uns fios de cabelo desgarrados.

O cônsul, por seu lado, com um sorriso e um misto de complacência e de repreensão na voz, observou:

— Mas, pai, está de novo a escarnecer do que existe de mais sagrado!

Estavam sentados na «sala das paisagens», no primeiro andar da casa antiga e espaçosa da Mengstraße, que a firma Johann Buddenbrook adquirira há algum tempo e onde a família habitava desde há pouco. Nas tapeçarias espessas e elásticas, separadas das paredes por um espaço vazio, viam-se vastas paisagens de tons suaves como o fino tapete que cobria o soalho, representando cenas idílicas ao gosto do século XVIII, com alegres vinhateiros, camponeses diligentes, pastoras enfeitadas com fitas, que, à beira de águas cristalinas, seguravam ao colo cordeiros imaculados ou trocavam beijos com ternos pastores. A maioria destas imagens era dominada por um poente dourado, a condizer com o forro amarelo dos móveis lacados de branco e com as cortinas de seda amarela das duas janelas.

Em relação com as dimensões da sala, os móveis não eram muitos. A mesa redonda, de pernas finas, direitas e com ligeiros ornamentos dourados, não estava diante do sofá, mas junto da parede oposta, em frente do pequeno órgão, sobre cujo tampo se encontrava um estojo de flauta. Além das poltronas rígidas, regularmente distribuídas ao longo das paredes, havia ainda uma mesinha de costura ao pé da janela e, em frente do sofá, uma delicada e luxuosa escrivaninha, coberta de bibelôs.

Através de uma porta envidraçada em frente da janela, divisava-se, na semiobscuridade, um salão com colunas; à esquerda da entrada via-se a porta alta e branca, de dois batentes, que dava acesso à sala de jantar. Na parede oposta, num nicho semicircular e atrás de uma porta de ferro forjado artisticamente trabalhada, crepitava o fogão de sala.

Com efeito, o frio chegara cedo. Embora se estivesse em meados de outubro, lá fora, do outro lado da rua, já amarelecia a folhagem das pequenas tílias que rodeavam o cemitério de Santa Maria. O vento assobiava, fustigando as esquinas e recantos da imponente igreja gótica e caía uma chuva miúda e fria. Por consideração pela idosa Madame Buddenbrook, já haviam sido colocadas as janelas duplas.

Era quinta-feira, e, como era costume de duas em duas semanas, a família ir-se-ia reunir; naquele dia, porém, além dos membros da família residentes na cidade, também alguns bons amigos da casa haviam sido convidados para um almoço muito simples; nesse momento, por volta das quatro da tarde e já com o sol a descer no ocaso, os Buddenbrook aguardavam as visitas...

A pequena Antonie, sem permitir que o avô a detivesse no seu percurso de trenó, num trejeito de amuo avançara ainda um pouco mais o lábio superior, um tudo-nada saliente sobre o inferior. Chegada ao sopé do Jerusalemberg, e sem saber como deter a corrida, ultrapassou a meta à desfilada...

— Amém — disse. — Sei uma coisa, avô!

— *Tiens!* Ela sabe uma coisa! — exclamou o ancião, simulando estar a arder de curiosidade. — Ouviste, mamã? Ela sabe uma coisa! Ninguém me pode dizer...

— Quando há uma descarga quente — disse Tony, marcando cada palavra com um aceno de cabeça —, cai um raio. Mas se a descarga é fria, cai um trovão!

Dito isto, cruzou os braços e olhou os rostos sorridentes em redor, como alguém que se sente seguro do seu êxito. Contudo, aquela mani-

festação de sapiência não agradou ao senhor Buddenbrook, que exigiu saber quem tinha ensinado à criança semelhante estupidez; quando se constatou que fora Ida Jungmann, natural de Marienwerder, recentemente contratada como ama de Tony, o cônsul teve de intervir em sua defesa.

— Está a ser demasiado severo, papá. Com a idade dela, porque não haveria de tecer as suas próprias fantasias sobre este género de coisas?

— *Excusez, mon cher!*... *Mais c'est une folie!* Sabes como me contraria que metam estas ideias obscuras na cabeça da criança! O quê, cai um trovão? Raios partam o trovão! Vocês e a vossa prussiana que vão...

A questão era que o velho senhor não tinha Ida Jungmann em grande conta. Não que fosse de ideias curtas. Era um homem viajado e, no ano de 1813, deslocara-se ao sul da Alemanha numa carruagem puxada por quatro cavalos, a fim de comprar trigo para fornecer ao exército prussiano, visitara Amesterdão e Paris e, sendo um homem esclarecido, não considerava condenável tudo o que ficava para além das portas da sua cidade natal ornamentada de frontões. Porém, à parte as relações comerciais, no que tocava à vida social, tinha mais tendência do que o filho, o cônsul, para traçar limites rígidos e para mostrar circunspeção perante gente de fora. Por isso, quando um belo dia os filhos, no regresso de uma viagem à Prússia Ocidental, tinham levado para casa, como se de uma espécie de Menino Jesus se tratasse, essa jovem — na altura apenas com vinte anos —, uma órfã, filha de um estalajadeiro falecido pouco antes da chegada dos Buddenbrook a Marienwerder, esse ato piedoso fizera com que o cônsul tivesse de suportar uma altercação com o pai, durante a qual o velho senhor quase só se exprimira em francês e baixo-alemão. De qualquer modo, Ida Jungmann dera mostras de grande competência na lida da casa e no trato com as crianças e, com a sua lealdade e as convicções prussianas próprias da sua classe, era a pessoa indicada para as funções que desempenhava naquela casa. Os seus princípios aristocráticos permitiam-lhe estabelecer uma distinção rigorosa entre os diferentes estratos da alta sociedade e entre a classe média e a classe média baixa, orgulhando-se dos serviços dedicados que prestava à classe superior. Além disso, considerava impróprio Tony ter relações de amizade com uma colega da escola que, na opinião da menina Jungmann, só podia ser incluída na classe média...

Nesse momento, a prussiana apareceu no átrio das colunas e transpôs a porta envidraçada. Era uma rapariga alta e ossuda, vestida de preto,